

O CRUZEIRO GALEGO DE COMODORO RIVADAVIA (ARGENTINA): IDENTIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO

Paulo Roberto Baqueiro BRANDÃO¹

Resumo

Neste ensaio o que se pretende destacar são as estratégias de territorialização dos migrantes galegos na América Latina a partir do uso de um monumento representativo da sua cultura – o cruzeiro galego – como elemento de apropriação dos espaços da diáspora. Para tanto, lança-se um olhar sobre o caso dos migrantes estabelecidos em Comodoro Rivadavia, principal cidade da província de Chubut e um dos mais importantes centros de recepção de população oriunda do noroeste peninsular ibérico na Argentina. Neste sentido, o texto aborda os cruzeiros galegos e suas representações, a dinâmica migratória da cidade argentina em pauta e, por fim, as interpretações sobre identidade e território que emanam da fixação do cruzeiro galego na área central da urbe patagônica.

Palavras-chave: Diáspora galega; Formas espaciais; Território e territorialização; Comodoro Rivadavia.

THE GALICIAN CROSSROAD CROSS OF COMODORO RIVADAVIA (ARGENTINA): IDENTITY AND TERRITORIALIZATION

Abstract

What is meant to be highlighted in this essay are the strategies of territorialisation of the Galician migrants in Latin America through the use of a representative monument of their culture – the Galician crossroads cross – as an element of appropriation of the spaces of diaspora. For such, we take a closer look over the case of the migrants established in Comodoro Rivadavia, main city of the province of Chubut and one of the most important centers of reception of the population originating from the northwest Iberian Peninsula in Argentina. In this sense, the text covers the Galician crossroads crosses and their representations, the migratory dynamic of the Argentinian city mentioned, and then, the interpretation about identity and territory that emanate from attaching the Galician crossroads cross in the central region of that Patagonian city.

Keywords: Galician Diaspora; Spatial forms; Territory and territorialisation; Comodoro Rivadavia.

¹ Professor Adjunto II do Curso de Geografia e Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. E-mail: paulo.baqueiro@ufob.edu.br.

EL CRUCERO GALLEGO DE COMODORO RIVADAVIA (ARGENTINA): IDENTIDAD Y TERRITORIALIZACIÓN

Resumen

En este ensayo lo que se pretende destacar son las estrategias de territorialización de los migrantes gallegos en América Latina a partir de la utilización de un monumento representativo de su cultura – el crucero gallego – como elemento de apropiación de los espacios de la diáspora. Para ello, se propone echar una mirada al caso de los migrantes establecidos en Comodoro Rivadavia, la ciudad más grande de la provincia de Chubut y uno de los centros más importantes de recepción de población nacida en el noroeste peninsular ibérico en Argentina. El texto aborda el tema de los cruceros gallegos y sus representaciones, la dinámica migratoria en dicha ciudad argentina y, finalmente, las interpretaciones sobre identidad y territorio que resultan de la construcción del crucero gallego en el área central de la urbe patagónica.

Palabras clave: Diáspora gallega; Formas espaciales; Territorio y territorialización; Comodoro Rivadavia.

INTRODUÇÃO

O olhar do forasteiro sobre o ecúmeno visitado é sempre parcial e fortemente influenciado por aquilo que mais lhe chama a atenção, havendo o risco de se formar uma noção da identidade do lugar a partir daquilo que o próprio observador concebe como tal. Em se tratando de uma cidade, a tarefa é ainda mais difícil de ser realizada, já que há grande profusão de elementos materiais e simbólicos que denotam diversidade e desigualdade, o que torna o espaço urbano um tipo específico de ecúmeno extremamente complexo de compreender.

É praticamente impossível, portanto, abarcar todas as características, todas as nuances e, como resultado disso, apreender a totalidade de uma urbe quando o tempo para percorrê-la é exíguo. Além disso, retomando o que fora mencionado nas primeiras linhas deste texto, é comum que, ao tentar compreender aquele outro lugar, o sujeito o faça a partir das suas próprios referenciais e concepções de mundo. Isso pode leva-lo, em situações extremas, à rejeição ou ao encantamento, mas pode conduzi-lo também a uma espécie de entre-lugar – conforme o sentido atribuído por Castrogiovanni (2007) –, já que algumas referências encontradas alhures podem lhe ser familiares.

Em visita recente à cidade de Comodoro Rivadavia, na Argentina, este autor foi desafiado, por colegas geógrafos, a expressar o caráter único dessa urbe por meio da captura de apenas uma imagem fotográfica. Assim, foi escolhida, dentre tantas fotografias feitas

nas/das ruas da cidade patagônica, a de um Cruzeiro Galego, tomando-o como uma representação da migração estrangeira, um dos componentes essenciais para a explicação do processo de formação territorial daquela localidade.

Além do desafio já mencionado, o estudo impõe-se por trazer à luz um tema ainda pouco debatido entre os investigadores que dedicam-se a descortinar, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, o papel dos cruzeiros como um símbolo da diáspora galega na América Latina e, mais que isso, como elemento que materializa a territorialização desse grupo de migrantes no Novo Mundo. Neste sentido, por ser um dos principais centros de recepção de migrantes galegos na América, a cidade de Comodoro Rivadavia é um caso empírico que merece um olhar mais apurado.

Para realizar, neste ensaio, o empreendimento proposto, é feito um breve exame da dinâmica migratória de Comodoro Rivadavia, em uma perspectiva geográfico-histórica. Nos demais trechos, são explicitados o papel dos cruzeiros como um elemento identitário dos galegos e as interpretações/impressões deste autor quanto a utilização do monumento como forma espacial contribuinte no processo de territorialização desse grupo na mencionada cidade patagônica.

OS CRUZEIROS GALEGOS E SUAS REPRESENTAÇÕES TERRITORIAIS

Presentes nos mais diversos lugares da Galícia, em cidades maiores ou nos rincões, em cemitérios ou nas estradas e caminhos, os cruzeiros possuem, quase sempre, uma mesma configuração, exibindo, em geral, as seguintes características:

Una plataforma de varias gradas colocadas en escalón y un pedestal soportan un fuste o columna; sobre ésta se asienta el capitel rematado por una cruz normalmente figurada. Así se configura el conjunto que conocemos por crucero y dentro de este esquema, con variadas formas y motivos en sus elementos constitutivos, se encuentran los miles de ejemplares que todavía se levantan a lo largo de la Comunidad Gallega (BURGOA, 1997, p. 264).

Com o intuito de distingui-lo das cruzes pétreas, Fuentes (1997), apresenta os cinco elementos principais de um cruzeiro, quais sejam: plataforma escalonada com até quatro degraus, que vem a ser a parte inferior do monumento; pedestal, constituído por uma base cúbica, contendo inscrições ou ornada com figuras mitológicas; vara, chamada, em espanhol, de *fuste*, é a coluna – ornada ou não – onde se assenta a cruz; capitel, que serve de base para a

cruz; e a cruz propriamente dita que, sendo o símbolo máximo do cristianismo, é a parte mais importante do conjunto.

Na Galícia, os primeiros exemplares desse tipo de monumento – que deram origem à tradição – datam do século XIV, tendo sido erigidos em estilo gótico. Contudo, a popularização dos cruzeiros veio a ocorrer apenas a partir do século XVII, com a fixação de milhares deles em encruzilhadas de caminhos rurais, átrios de igrejas e nos espaços públicos de nucleações galegas, sendo elaborados em granito e absorvendo, a partir de então, características do estilo barroco (BURGOA, idem).

Castelao (1964 [1934]) afirma que o cruzeiro mais antigo – datado justamente do século XIV – está em Melide, município da província de La Coruña, distante cerca de 54 quilômetros de Santiago de Compostela, a capital da Comunidade Autônoma da Galícia. Ainda conforme Castelao (idem, p. 15), as motivações mais comuns para a construção de cruzeiros são os seguintes:

Sirven como memoriales de desgracias, peste e mortes violentas; tamén son expiatórias de pecados. As comunidades relixiosas abrían camiños e marcábanos com cruzeiros, pero foron os franciscáns os creadores do Vía-crucis para representar os episodios da Paixón.

Fuentes (1997), por sua vez, acrescenta que os cruzeiros são utilizados também como limites entre paróquias², locais para a realização de práticas ritualísticas, celebrações comunitárias diversas e paradas de comitivas fúnebres, entre outras práticas.

Assim, por seus usos e representatividade simbólica, as menções a esse tipo de monumento e à sua importância passaram a permear aspectos relevantes da cultura galega, sendo, inclusive, um tema recorrente para alguns dos mais renomados intelectuais e artistas nascidos na Galícia, como se pode observar nos dois exemplos mencionados a seguir.

O político, escritor e caricaturista Castelao, considerado o pai do nacionalismo galego, dedicou-se ao estudo dos cruzeiros, tendo escrito duas obras de referência, intituladas *As cruces de pedra na Bretaña* e *As cruces de pedra na Galiza* (edição póstuma). Nas obras, o autor realiza minucioso estudo sobre a história, características e tipologias dos cruzeiros em ambas as partes da Europa (CASTELAO, 1930; 1950).

² O termo “paróquia” é de cunho religioso, sendo utilizado para identificar um dado território eclesiástico. Contudo, na Comunidade Autônoma da Galícia e no Principado das Astúrias, tal termo designa a unidade mais elementar da sua divisão político-administrativa.

Em *Artigos do Posguerra*, uma coletânea de textos escritos por Ramón Otero Pedrayo para jornais e revistas, são feitas referências aos cruzeiros, destacando o caráter atemporal desse objeto fundamental para a coletividade galega:

[...] un cruceiro galego non pode ser endexamais obxecto arqueolóxico. Pois vive sempre, sofre cada día, non hai mañá que no ofrezga consolo e esperanza, nin noitiña que non fale ós desditados verbas mainas, ós afortunados palabras dun máis alto amor (OTERO PEDRAYO, 2002, p. 229).

Por sua ampla difusão em todo o território galego e pela força simbólica que adquiriu ao longo do tempo, o cruzeiro passou a figurar como elemento distintivo da cultura galega, tornando-se, mais do que um mero símbolo da fé católica, uma marca indelével da identidade que vincula aquela população ao seu território.

Segundo Théry (2008, p. 90), o território é “uma construção social, à qual todos os seus habitantes participam, todos os dias”. Para Brandão (2014, p. 57), convergindo com o exposto anteriormente:

[...] o território se revela como um importante elemento na construção de raízes e de um sentido de pertencimento, sendo ainda um componente da identidade de um grupo, posto que todos os fatores que concorrem para a conformação de um determinado modo de viver estão direta ou indiretamente relacionados à forma como se usa o território.

Disso se pode depreender uma noção de territórios socialmente construídos como o resultado da ação contínua de um indivíduo ou grupo que, ao se apropriar do espaço, passa a responder por um conjunto de produções que se dão no lugar e que podem ser compreendidas pela relação de proximidade e pela coexistência.

A apropriação de elementos materiais que são próprios de um espaço e estão carregados de simbolismo, como no caso dos monumentos, pode favorecer um sentido de pertencimento mediado pela relação entre o dito objeto e o território que passa a representar.

No entanto, objetos que são referenciais identitários podem servir também a um uso racional do território, demarcando a presença de um grupo e (re)afirmando o poder que este detém. Tanto Haesbaert (2008, p. 21), quanto Souza (2009, p. 66) e Saquet (2009, p. 87), convergem quando afirmam, cada um ao seu modo, que o território é, concomitantemente,

“funcional e simbólico”, como menciona o primeiro, “modelagem material” e “relação social”, conforme aponta o segundo, e “material e imaterial”, de acordo com o terceiro.

A constatação de que o território possui características simbólicas e materiais concomitantes permite inferir que um monumento possui um significado que vai além da mera concepção estética ou simbólico-identitária. Carrega em si sentidos políticos, valores econômicos e denotam práticas hegemônicas. São, em última instância, vetores de informação vinculados “a temas como poder, identidade e conflitos gerados entre ambos” (CORRÊA, 2013, p. 74).

Incorporados ao território por desejo e decisão de agentes hegemônicos (Estado, grupos sociais e indivíduos que os compõem, empresas e entidades religiosas), os monumentos ocupam posição de destaque em determinadas zonas das cidades, compondo um cenário e se impondo como objeto construído, seja pela centralidade que lhe é atribuída em um dado espaço, dimensão, suposta grandiosidade do feito ou personagem a que remete ou pela combinação de todos esses fatores.

Não por outro motivo, o cruzeiro passou a figurar como elemento representativo da presença galega em algumas cidades latinoamericanas que acolheram esses migrantes ibéricos (Figura 1). Dessa forma, tornou-se comum que as entidades associativistas de origem galega ou o próprio governo da Comunidade Autônoma da Galícia presentearassem as municipalidades receptoras de migrantes na América com um exemplar de um cruzeiro.

Figura 1: Cruzeiros galegos em Salvador, Brasil (a); Havana, Cuba (b).



Fonte: Acervo do autor (2015).

Em diversos centros urbanos da América Latina, os cruzeiros galegos compõem o cenário de espaços privilegiados, como zonas litorâneas e/ou turísticas, o que ocorre, por

exemplo, nos casos anteriormente evidenciados. Dessa forma, é possível inferir que esses monumentos são a materialização, no espaço, da identidade, mas também do poder que emana das respectivas comunidades galegas responsáveis por sua implantação, sendo, portanto, um claro elemento comprobatório da territorialização do grupo (em sentidos simbólico e material).

COMODORO RIVADAVIA, TERRA DE MIGRANTES (GALEGOS)

Se considerado o processo de formação de nucleações urbanas na Argentina, Comodoro Rivadavia é uma cidade de origem recente. Enquanto as fundações de Santiago del Estero, Catamarca, Mendoza e Buenos Aires, por exemplo, datam do século XVI, a urbe patagônica teve sua origem oficialmente constituída em 1901, a partir da implantação de um porto no Golfo de São Jorge para escoamento da produção agropastoril advinda das regiões interiores da atual Província de Chubut (Figura 2).

Figura 2: Localização de Comodoro Rivadavia na província de Chubut.



Fonte: Gobierno de Chubut (2017).

No primeiro ano do século XX, a localidade recém fundada tinha certa importância em âmbito patagônico, devido às atividades portuárias, e contava com cerca de 50 moradias, onde viviam algo em torno 200 habitantes (DÍAZ, 2010). Contudo, graças à descoberta de petróleo

em 1907, em pouco tempo, Comodoro Rivadavia passou a vivenciar vertiginoso incremento econômico e, como resultado do anterior, continuado crescimento populacional.

O significativo incremento demográfico experimentado pela localidade se deve, em grande parte, à migração, tanto interna, com argentinos afluindo de diversas partes do país em direção à zona petrolífera da Patagônia, quanto pela chegada maciça de estrangeiros (FUNDACIÓN NUEVO COMODORO, 2011). De fato, a migração estrangeira sistemática na Patagônia já era uma realidade desde as décadas finais do século XIX. Induzidos pelas políticas de povoamento impetradas pelo Estado argentino, milhares de europeus de diversas nacionalidades foram “fazer a América” nas distantes terras patagônicas.

No caso específico de Comodoro Rivadavia, vale reiterar, o deslocamento massivo de migrantes estrangeiros se deu a partir de 1907, com a chegada de italianos, espanhóis, portugueses, russos, poloneses, gregos, búlgaros, gauleses, entre outras nacionalidades, dando início à formação de uma sociedade multicultural (CABRAL, 2011).

Não tardou para que os espanhóis se tornassem um dos mais expressivos contingentes de migrantes estrangeiros fixados na nova localidade. Segundo Cabral (Idem), em 1917, esse grupo correspondia a 23,1% dos trabalhadores do setor petrolífero em Comodoro Rivadavia. Ademais, nas duas primeiras décadas do século XX, eram a segunda maior presença no Departamento de Sarmiento, com 16,5% (1912), e do Território de Chubut, com 14% (1914) do total de residentes, estando numericamente atrás apenas dos habitantes de nacionalidade argentina.

Conforme apontado por Castiñeira e García (1999), nas primeiras décadas do século XX, os espanhóis compunham, de fato, a maior comunidade de migrantes estrangeiros dentre aqueles que afluíram para Comodoro Rivadavia, ainda que, nos anos 1930, tenha havido uma maior diversificação de europeus naquela cidade, graças a maior presença de alemães, italianos, portugueses e russos.

A grande maioria dos espanhóis residentes em Comodoro Rivadavia era originária de Andaluzia, Astúrias, Castela-León, Euskadi e Galícia, sendo os primeiros a promoverem uma organização institucional, com a criação, em 1910, da *Asociación Española de Socorros Mutuos*. Além disso, tais migrantes tinham forte participação em atividades econômicas urbanas e regionais, tais como a pecuária, extração de petróleo, setor ferroviário, comércio e prestação de serviços (FUNDACIÓN NUEVO COMODORO, 2011).

Os primeiros galegos a pisarem em terras patagônicas eram tripulantes da missão capitaneada por Fernão de Magalhães que, em 1519, realizou a até então inédita viagem de

circum-navegação, seguidos por pequenas levas de migrantes que contribuíram no povoamento da região ao longo do século XVIII. Contudo, há apenas pouco mais de duzentos anos é que a presença galega se tornou mais significativa, em função do grande quantitativo (CASTIÑEIRA; GARCÍA, 1999).

Segundo dados apresentados pelos autores, os galegos compunham uma das maiores comunidades espanholas dentre os residentes em Comodoro Rivadavia. Entre os anos de 1910 e 1917, os migrantes saídos da Galícia eram 14,6% do total de espanhóis, enquanto que, nos períodos entre 1918-1927 e 1928 a 1933, passaram a ser 12,2% e 17,7%, respectivamente.

Quanto à procedência dos galegos, segundo Castiñeira e García (Idem, p. 151), “[...] *son as terras da orla Atlántica, as provincias da Coruña e Pontevedra, as que monopolizan a marcha a Comodoro*”. Mais adiante, reforçando a informação anterior, enfatizam que “*A forza deste aporte galego vai reducíndose ó irmos alonxando da costa, aínda así a provincia de Ourense ten certa importancia frente a de Lugo cunha representación moito máis discreta*”.

De todo modo, como parte dos esforços de acolhimento dos novos, mas também como elemento de agrupamento dos antigos migrantes e de integração junto à sociedade local, em 1923, foi criado o *Centro Gallego de Socorros Mutuos Cultural y Deportivo de Comodoro Rivadavia*, dando vazão a uma estratégia semelhante àquela adotada por patrícios fixados em outras cidades latinoamericanas.

No caso dos galegos residentes em Salvador (Bahia, Brasil), por exemplo, à medida que passava a se inserir na economia local, por meio dos muitos empreendimentos que eram criados por seus membros, a comunidade buscou deixar marcas duradouras da sua presença na cidade como estratégia de integração à sociedade soteropolitana. Assim, a forma de se fazer notar e de ter reconhecimento como parte da realidade local – sem ferir a própria identidade – foi, primordialmente, por meio da criação de entidades civis, como clubes sociais, desportivos e hospital (BRANDÃO, 2005).

Castiñeira e García (1999, p. 248-249) interpretam da seguinte maneira a criação do já mencionado Centro:

O crecente número da colectividade galega levou a un pequeno grupo de emigrantes a fundar unha asociación de socorros mutuos a imaxe e semellanza doutras tantas que había dispersas por todo o territorio arxentino, xa que a pesar da gran capacidade de integración nas colectividades receptoras, os europeos, en xeral, deixaron abondosas mostras da súa identidade propia a través de determinadas manifestacións que, se nun primeiro momento serviron de mecanismos de

intercomunicación e autoprotección para os emigrantes que tiñan que enfrentarse a unha nova realidade social no país de acollida, pronto lles permitiron singularizarse social e colectivamente por etnias ou nacionalidades e rexionalidades de procedencia.

Por meio do Centro Galego, os migrantes e seus descendentes implantaram em Comodoro Rivadavia algumas referências da sua presença, entre as quais, vale destacar, a sede da organização, com a Biblioteca Rosalía de Castro e Salão de Conferências Castela, onde são desenvolvidas atividades de difusão da cultura galega, como cursos de idioma, festas e bailes folclóricos, editoração e publicação de livros. Além disso, o grupo de migrantes foi capaz de interferir junto à municipalidade na implantação de marcas da territorialização que empreenderam ao longo do tempo, a exemplo do topônimo de uma via, a *Calle Inmigrantes Gallegos*, e o Cruzeiro Galego, monumento objeto deste ensaio.

O CRUZEIRO GALEGO DE COMODORO RIVADAVIA: IDENTIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO

Como já mencionado, mais que um simples monumento identificador da cultura nacional da Galícia, o cruzeiro é, para os migrantes galegos, uma marca indelével da sua territorialização naqueles lugares para onde afluíram e se fixaram. Ao menos é o que se verifica na maioria das cidades latinoamericanas onde a comunidade galega está organizada em instituições culturais, de ajuda mútua e similares.

Com vistas ao exame do Cruzeiro Galego de Comodoro Rivadavia, foi preciso recorrer a algumas estratégias de análise que contribuíssem para apontar para as questões a serem elucidadas por meio do exame proposto, tais como a observação sistemática, leitura e interpretação de mapas e comparação metódica.

A observação do espaço onde o Cruzeiro se insere permite, ainda que de modo parcial, apreender aspectos da dinâmica territorial que o próprio monumento passa a inscrever. Tal procedimento é apoiado na consulta a mapas da cidade de Comodoro Rivadavia, destacando as posições absoluta e relativa que o Cruzeiro ocupa e, portanto, o grau de centralidade (simbólica e objetiva) que possui.

Como fechamento da análise, fez-se uma comparação entre o Cruzeiro Galego e a *Plaza Catamarca*, localizada no bairro Narciso Laprida, também em Comodoro Rivadavia, que vem a ser outra forma espacial construída como uma marca da presença de migrantes (neste caso, do noroeste argentino), buscando, assim, ressaltar similaridades e diferenças possíveis de serem apreendidas.

Conforme descrito na placa afixada ao pé do monumento, o Cruzeiro foi ofertado à cidade de Comodoro Rivadavia pelo *Centro Gallego de Socorros Mutuos* em 12 de outubro de 1995 (Figura 3), data em que os espanhóis comemoram, por conta da chegada de Cristóvão Colombo na América, o *Día de La Hispanidad*³. Localizada no centro da cidade, a obra possui as típicas características de outras similares encontradas em diversas localidades da Galícia, bem como nas cidades da diáspora, contendo, pois, todos os elementos apontados por José Fuentes e mencionados em outro trecho deste ensaio.

Figura 3: Cruzeiro Galego de Comodoro Rivadavia, na Argentina.



Fonte: Acervo do autor (2015).

O Cruzeiro Galego de Comodoro Rivadavia margeia a *Calle Inmigrantes Gallegos*, distante poucas centenas de metros, em linha reta, da Avenida Rivadavia e Calle San Martín, vias paralelas que compõem o principal eixo comercial e financeiro da cidade. Nas cercanias do monumento, em um raio de não mais que quinhentos metros, estão o Museu Ferroportuário, Terminal de Omnibus Teniente General Ángel Solari, praças arborizadas e alguns dos mais importantes hotéis, agências bancárias, instituições de ensino, restaurantes e mercados, além da sede da Municipalidade de Comodoro Rivadavia.

³ Na Argentina, essa data comemorativa é controversa: historicamente, celebrava-se o “*Día de la Raza*”. Contudo, a partir de 2010, passou a ser denominado como o “*Día del Respeto a la Diversidad Cultural*”.

As observações realizadas e a consulta à cartografia urbana de Comodoro Rivadavia dão subsídios para inferir que o Cruzeiro – bem como o topônimo do logradouro que o ladeia – é detentor de vantagens locacionais que permitem a sua plena visibilidade, principalmente se comparado a outras marcas da presença de migrantes existentes naquela cidade, como se verá mais adiante, por meio do exemplo da *Plaza Catamarca* (Figura 4).

Figura 4. Localização do Cruzeiro Galego e Plaza Catamarca, em Comodoro Rivadavia.



Fonte: Elaboração própria, com base no Google Earth (2017).

O centro de uma cidade é, via de regra, o espaço onde forças centrípetas atuam no sentido de gerar para si mobilidade de pessoas, atividades, informação e capital, sendo o núcleo para onde diversos feixes de fluxos convergem. Sobre isso, Oliveira Júnior (2008, p. 211) considera que, no âmbito do intraurbano:

[...] estabelecem-se espaços na cidade que dispõem de uma maior concentração de atividades que concedem a esses espaços um maior poder de articulação. Assim, esses espaços exercem atração sobre as demais parcelas do tecido urbano e constituem uma centralidade urbana, que compreende também uma área capaz de gerar e manter fluxos (de pessoas, capitais, mercadorias etc), e não apenas concentrar determinados fixos.

Em se tratando especificamente dos monumentos, Corrêa (2007), sustenta que a sua localização é importante quanto à visibilidade e acessibilidade que precisam ter para que possam transmitir a informação proposta para eles. No entanto, o autor aponta a existência de

outros fatores tão importantes quanto e que dizem respeito à centralidade que lhes pode ser atribuída em função, também, da sua localização.

Assim, para o autor, o ponto de fixação de um monumento possui um caráter absoluto, referente à localização do seu sítio; um caráter relativo, indicado pela acessibilidade frente aos espaços sociais e econômicos da cidade; e um caráter relacional, “que inclui os significados que foram construídos a seu respeito pelos diversos grupos sociais”, sendo um ponto significativo de interpretação, visto que “o monumento pode incorporar os significados já atribuídos à sua localização” (Idem, p. 19).

Ainda que o Cruzeiro Galego não esteja localizado na via principal de Comodoro Rivadavia e tampouco na sua orla marítima ou tenha grande destaque por sua dimensão (volume, área ou altura), não há como negar que, por seu sítio, na área central da cidade e, em especial, rodeado por vários empreendimentos geradores de feixes de fluxos, entre os quais os de caráter turístico, tal monumento é privilegiado, ao menos no que tange a quatro dos cinco aspectos aventados por Corrêa (2007).

Tais constatações levam a outra: sendo o centro um espaço privilegiado para a localização de formas espaciais que, de algum modo, existem para transmitir informação, há poder envolvido na escolha da localização de um monumento. Isso pode ser aventado por meio da comparação entre os aspectos locacionais que envolvem diferentes monumentos, o que se propõe fazer por meio do exame comparativo entre o Cruzeiro Galego e a *Plaza Catamarca* (Figura 5).

Figura 5: Vista parcial do Bairro Laprida (a); Vista da *Plaza Catamarca* (b).



Fonte: Acervo de ADNSUR (2018).

Localizada na Zona Norte de Comodoro Rivadavia, Narciso Laprida – ou simplesmente Laprida – é o mais populoso dos bairros que compõem o aglomerado conhecido como *Valle Oeste de Comodoro Rivadavia*. Sua origem remonta aos anos 1930, tendo sido povoado, inicialmente, por migrantes búlgaros e italianos, mas passando a abrigar, logo a partir da década seguinte, uma crescente e hoje predominante população oriunda das províncias argentinas de Catamarca e La Rioja (CISELLI; ENRICI, 2008; ROMEO, 2015).

As observações feitas em visita ao bairro autorizam afirmar que a paisagem local, formada predominantemente por casario modesto, arruamento irregular e pouca presença de serviços públicos, além da distância e rarefação das vias de comunicação com o centro, denotam um processo de periferização que não é apenas geográfica, mas também – e principalmente – social.

Quanto à *Plaza Catamarca*, objeto da comparação que se pretende realizar, segundo Ciselli e Enrici (2008), é um espaço público localizado praticamente no centro do bairro Laprida, cuja inauguração ocorreu no início do período de redemocratização argentina (anos iniciais da década de 1980), tendo sido edificada como uma obra da municipalidade de Comodoro Rivadavia.

Vários dos elementos arquitetônicos e decorativos da dita praça fazem referência ao noroeste argentino (NOA), região onde estão localizadas as províncias de proveniência da maioria dos migrantes que vivem no bairro, conformando um conjunto de monumentos alusivos principalmente à Catamarca e La Rioja, mas também à Jujuy e Salta. Assim, estão presentes naquele espaço público os terraços (*terrazas*) utilizados desde tempos imemoriais por povos andinos na agricultura, os vasos típicos (*tinajas*) empregados para captação de água, mas também como urnas funerárias, e as cisternas (*aljibes*) decorativas.

Além disso, há uma réplica de um *cabildo*, edificação estatal típica das cidades de origem colonial (como as do noroeste argentino), inexistente em Comodoro Rivadavia justamente por sua fundação tardia (CISELLI; ENRICI, Idem). Por fim, tentou-se plantar *cardón*, que vem a ser uma espécie de cacto bastante comum na região noroeste da Argentina, mas o clima patagônico não permitiu tal incremento de referências ao noroeste do país.

O que se pode observar, a partir da caracterização feita anteriormente, é que, à semelhança do cruzeiro em relação aos galegos, a dita praça se constitui em um grande monumento em honra à presença de migrantes do noroeste argentino em Comodoro Rivadavia, mas com dimensões – volume, área e altura – bastante superiores às do primeiro. Além disso, no que concerne ao caráter relacional, a obra alusiva ao NOA denota a construção

inequívoca de significados entre o seu sítio e o grupo social que motivou a sua construção, condição que, no caso do primeiro, não é tão evidente.

No entanto, por sua localização, a *Plaza Catamarca* não agrega as vantagens que o Cruzeiro Galego possui em termos de visibilidade e acessibilidade, visto que o primeiro dentre os monumentos citados compunha a paisagem de um bairro periférico, estando alijado, portanto, dos espaços social e economicamente privilegiados da cidade de Comodoro Rivadavia e das vantagens associadas à formação de feixes de fluxos diversos direcionados ao centro.

Se, por um lado, parece óbvio que o monumento alusivo à presença das comunidades oriundas do NOA em Comodoro Rivadavia esteja localizado no bairro onde a maioria dos seus membros historicamente tem se concentrado, o mesmo não se constata em relação aos migrantes galegos, posto que a sua fixação na cidade não apresente indícios de uma lógica de vizinhança. Assim, para além da suposta obviedade aqui mencionada, é cabível um questionamento sobre o papel que cada grupo de migrantes joga em âmbito intercomunitário e sobre as relações de poder que são capazes de exercer junto às instituições oficiais do município.

As respostas dessas questões poderiam revelar aspectos da relação entre as representações que os monumentos ensejam, por meio de uma identidade reivindicada pela obra, e o caráter territorializador que a edificação em si e sua localização denotam. Tal direcionamento poderia colocar a descoberto aspectos relevantes para o entendimento das identidades territoriais construídas pelos migrantes galegos de Comodoro Rivadavia, bem como de outras comunidades migrantes.

No entanto, pelo próprio caráter dado a este texto (uma exposição de impressões/interpretações), não é possível avançar em direção às respostas de tais questionamentos, ainda que seja pertinente pautá-las para pesquisas mais robustas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Centro de convergência histórica de milhares de migrantes argentinos e estrangeiros, Comodoro Rivadavia é uma cidade multicultural, com expressões e representações as mais diversas da presença de povos tão diferentes entre si, que encontraram, em terras patagônicas, condições suficientes para a sua fixação. Não obstante, é uma cidade que, ao longo do tempo, tornou-se “*llena de matices y contradicciones, que se plasman, por un lado, en áreas urbanas*

accesibles e inclusivas (...) y, por otro lado, en coexistencia, espacios excluidos de estos accesos y beneficios” (CHANAMPA, 2014, p. 64), resultando na coexistência de diferenças e desigualdades.

Diante de tão grande diversidade, estudiosos das Ciências Sociais e Humanas têm um terreno fértil para o desenvolvimento de pesquisas que elucidem aspectos relativos aos marcos simbólicos e materiais legados pelas comunidades migrantes da mais importante cidade da província de Chubut e que são produto dessa relação dialética entre o diferente (exaltado pela diversidade cultural local) e o desigual (perceptível na fragmentação espacial das Zonas Norte e Sul).

O estudo sobre o caso do monumento Cruzeiro Galego contribui para o entendimento de tal contradição, especialmente quando realizado em comparação com outra significativa forma espacial, a *Plaza Catamarca*, considerando que ambos foram construídos por migrantes fixados em Comodoro Rivadavia como marcas de suas próprias territorialidades, mas em contextos socioespaciais bastante distintos, revelando capacidades assimétricas que cada grupo possui em se fazer representar.

Neste sentido, o desafio de empregar uma fotografia como elemento motivador para expressar uma característica dessa cidade permitiu esboçar algumas impressões sobre migração, identidade e território, tendo o monumento denominado Cruzeiro Galego e os seus idealizadores como mote. No entanto, é preciso reconhecer, este ensaio não se mostra suficiente para encerrar questões que o tema expõe, sendo um agente de instigação a novas – e necessárias – pesquisas sobre as realizações das comunidades migrantes em suas tarefas de consolidar e (de)marcar suas presenças em um território que é, também, de cada uma delas.

Dessa forma, quanto à presença das comunidades migrantes em Comodoro Rivadavia, vê-se a necessidade de consolidar uma agenda de pesquisa para o aprofundamento de questões ainda não elucidadas, o que inclui:

- elaborar estudos e pesquisas sistemáticos sobre os processos e estratégias de territorialização das comunidades migrantes de Comodoro Rivadavia, incluindo abordagens acerca das relações e possíveis conflitos intercomunitários;
- pesquisar possíveis semelhanças e diferenças nos processos de territorialização de comunidades migrantes argentinas e estrangeiras na cidade em tela;
- replicar tais propostas e suas metodologias em distintos contextos urbanos da Patagônia, uma região fortemente marcada pela migração.

Por outro lado, com a possibilidade de retomar as reflexões sobre a dinâmica territorial da comunidade galega na diáspora, objeto de interesse deste autor há muito tempo, indagações outras ganharam relevo graças às leituras e interpretações realizadas para o desenvolvimento deste texto. Diante disso, o que se propõe é a formulação de uma segunda agenda de pesquisa que possa propiciar investigações relativas à migração galega e as estratégias simbólicas e materiais subjacentes à edificação de cruzeiros em distintos contextos urbanos. Desse modo, acredita-se que seja salutar estabelecer as seguintes abordagens:

- formular uma base teórica consistente para nortear o debate sobre a relação entre os monumentos, em geral, e os cruzeiros galegos, de modo específico, como marcas da relação entre identidade, poder e território;
- aprimorar a metodologia aplicada neste escrito, agregando procedimentos e técnicas que permitam outras formas de operacionalização da análise, o que inclui o diálogo com sujeitos e seus representantes em âmbito comunitário, com garantia da sua replicação em diferentes pesquisas sobre o mesmo tema;
- empiricizar, por meio de um exame sistemático dos vários casos possíveis, a relação entre a presença galega nas cidades da diáspora e a implantação de marcas da sua territorialização.

Assim, será possível avançar em investigações que se destinem a confirmar ou refutar os indícios aqui apontados, tanto para os casos específicos da realidade comodorensense, quanto no âmbito das comunidades galegas da diáspora, abrindo, pois, novas perspectivas de análise na Geografia e nas Ciências Humanas e Sociais, tendo o território como conceito-chave.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografias da presença galega na cidade da Bahia**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2005.

_____. **Territórios do turismo, territórios de todos?** Um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do Nordeste do Brasil. Curitiba: CRV, 2014.

BURGOA FERNÁNDEZ, Juan J. De Ferrol a Compostela. Los cruceros del Camino Inglés. In: LIBRA LÓPEZ, José (Dir). **O camiño inglés e as rutas atlánticas de peregrinación a Compostela**. Colección Aulas no Camiño. Ferrol: Universidade da Coruña, 1997, p. 263-292.

CABRAL MARQUES, Daniel. Comodoro Rivadavia. Un mosaico de inmigraciones extranjeras y migraciones internas a lo largo de más de un siglo. In: FUNDACIÓN NUEVO COMODORO. **El libro de los pioneros**. Corrientes migratorias en Comodoro Rivadavia. Comodoro Rivadavia: Fundación Nuevo Comodoro, 2011, p. 23-69.

CHANAMPA, Magali. Espacios de segregación: unir fragmentos de la ciudad. In: DIEZ TETAMANTI, Juan Manuel (Coord.). **Hacia una Geografía Comunitaria**: abordajes desde cartografía social y sistemas de información geográfica. Comodoro Rivadavia: Editorial Universitaria de la Patagonia, 2014, p. 63-70.

CASTELAO, Alfonso R. **As cruces de pedra na Bretaña**. Santiago de Compostela: Seminario de Estudos Galegos, 1930.

_____. **As cruces de pedra na Galiza**. Buenos Aires: Editorial Nós, 1950.

_____. **As cruces de pedra na Galiza**. A Coruña: Real Academia Gallega, 1964.

CASTIÑEIRA CASTRO, Victor Manuel; MARTÍN GARCÍA, Alfredo. **Dun Finisterre a outro**: a emigración galega á Patagonia. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O lugar da Geografía no entre-lugar do espaço turístico – uma viagem complexa que ainda continua. In: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinós da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Org.). **Teorias e práticas territoriais**: análises espaço-temporais. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 181-196.

CISELLI, Graciela; ENRICI, Aldo. **El viaje de los dioses**: Migración, creencias y folklore en Comodoro Rivadavia. Comodoro Rivadavia: Vela Al Viento Ediciones Patagónicas, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. Uma sistematização da análise de monumentos na Geografia. **Terr@ Plural**, v. 1, n. 1, p. 9-22, 2007.

_____. Monumentos, política e espaço. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia Cultural**: uma antologia, v. II. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013, p. 73-89.

DÍAZ, Ernestina. Espacio urbano de Comodoro Rivadavia a través de las etapas de la historia de la economía (1901-2010). Crecimiento, cambios y continuidades. **Revista GeoUSAL**, Año 5, n. 9, p. 1-14, 2010.

FUENTES ALENDE, José. Cruceiros y petos de ánimas en la provincia de Pontevedra. **Narría**: Estudios de Arte y Costumbres Populares, n. 77-78, p. 1-7, 1997.

FUNDACIÓN NUEVO COMODORO. **El libro de los pioneros**. Corrientes migratorias en Comodoro Rivadavia. Comodoro Rivadavia: Fundación Nuevo Comodoro, 2011.

HAESBAERT, Rogerio. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino e UEDA, Vanda (org.). **A emergência da multiterritorialidade**. A resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Editora da Universidade Luterana do Brasil, 2008, p. 19-36.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gilberto Alves de. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. **Sociedade & Natureza**, n. 20, v. 1, p. 205-220, 2008.

OTERO PEDRAYO, Ramón. **Artigos de posguerra**. Finisterre e Sonata Gallega. Vigo: Editorial Galaxia, 2002.

ROMEO, Gustavo. **Riesgo de flujos de barro en el Barrio Laprida (Comodoro Rivadavia)**. Percepción social y estrategias de gestión integral. Tesis final de Licenciatura en Gestión Ambiental. Comodoro Rivadavia: Universidad Nacional de Patagonia San Juan Bosco, 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio e SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Território e territorialidades**. Teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 73-94.

SOUZA, Marcelo Lopes de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio e SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Território e territorialidades**. Teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 57-72.

THÉRY, Hervé. Globalização, desterritorialização e reterritorialização. **Revista da Anpege**, v. 4, p.89-96, 2008.

Recebido em Outubro de 2017

Aprovado em Maio de 2018

Publicado em Julho de 2018